

Professores debatem ensino

27 JUL 1988

Luiz Tajés

JORNAL DE BRASÍLIA

Quando foi anunciado o resultado do último vestibular da UnB, o que mais chamou atenção foi o fato das 208 vagas de 17 cursos não terem sido preenchidas. A partir daí, o sistema educacional brasileiro mereceu manchetes nos jornais, grandes espaços em televisões e rádios, além de ser assunto obrigatório em conversas. O que houve com a qualidade de ensino no País? Sua deteriorização chegou a níveis alarmantes? Perguntavam. Os segmentos do setor acusaram-se mutuamente, mas todos chegaram a uma conclusão: os baixos salários dos professores ofereciam uma ótima pista para quem quisesse entender o que se passa hoje em nossas salas de aula.

O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Distrito Federal, Jayme Martins Zweiter, disse que vê com muita desconfiança a denominação de «tia» para a professora. «Até o título o profissional perdeu. Isso não seria grave se também não tivesse perdido seu status social e uma remuneração compatível». Vai mais longe Maria Celeste Gomes Mura-ro, ex-coordenadora de Ensino de 2º grau do Ministério da Educação e atual supervisora geral de um colégio particular da cidade: «A abertura indiscriminada de cursos de Pedagogia — para suprir a demanda, já que houve um aumento no número de escolas nas últimas décadas — sem uma preocupação com a qualidade, favoreceu o aparecimento de profissionais sem muita vocação, pois ficou mais fácil o ingresso nesses cursos. Conseqüentemente, a oferta ficou maior que a procura, favorecendo a rotatividade e a redução dos salários. Quem teve oportunidade de ir para outra profissão não hesitou e a área foi perdendo grande parte de seus melhores profissionais», lamentou Maria Celeste.

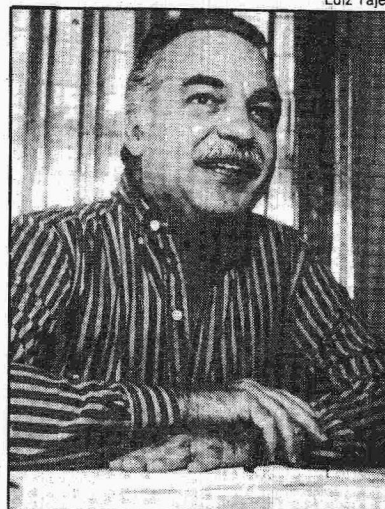
Participação

Mas muitos ficaram e continuam entrando na profissão. E, para esses, a maneira de se conseguir

uma valorização da classe é com participação e união, pelo menos essa é a opinião da presidente do sindicato dos Professores do Distrito Federal, Lúcia Carvalho. «O sistema educacional está mal da cabeça, dos braços e das pernas. Mas isso está favorecendo a uma classe, do contrário já teria mudado. A Constituinte seria uma ótima oportunidade para isso e coisa alguma pelo menos foi tentada. Por este motivo, não aceita culparem nossa categoria pela qualidade de ensino», opinou. Para ela, um dos caminhos para que a luz comece a surgir no fim do túnel é a utilização, pelos professores, da estrutura atual para uma transformação da escola, por mais que eles sejam desestimulados pelos baixos salários. «O professor precisa deixar de lado um pouco o conteúdo em favor do enriquecimento do conhecimento científico. Ele não pode ser um simples cumpridor de horários, como o sistema atual quer, senão o aluno continuará a sair da escola totalmente alienado, sem senso crítico. Do ponto de vista da classe dominante, o ensino atual está cumprindo totalmente sua função», criticou a presidente do Sindicato dos Professores.

Quantidade

Para Beatriz Pinheiro, proprietária de um centro de reeducação psicopedagógica, a constante preocupação das escolas em inovar, cultuando indiscriminadamente a técnica como fim «quando nós, professores, sabemos que qualquer método ou técnica encontra seus fundamentos numa psicologia educacional que, por sua vez, encontra fundamentos numa filosofia de educação. Pois, a técnica é um meio e não um fim em si mesmo. O importante é despertar no aluno a sede de conhecimento», informou. Mas, para Maria Celeste, além disso, o erro da educação atual está justamente em valorizar a informação, em detrimento do conteúdo. «Hoje, milhares de informações são jogadas aos alunos sem que eles saibam co-



Jayme desconfia das «tias»

mo manipulá-las. O estudante perdeu a capacidade — ou ela não está sendo estimulada — de conhecer um fato e relacioná-lo a outro. O ensino passou a ser quantitativo e não qualitativo. Isso está acontecendo porque num vestibular é cobrado quantidade de informação» observou.

Talvez, por este motivo, o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino diga que os diplomas superiores estão vindo «sem sumo» e conteúdo. Mas para o professor da UnB, responsável pela Diretoria de Acesso ao Ensino Superior (DAE) — departamento responsável pelos vestibulares da instituição — Lauro Morhy, o aluno já chega na Universidade sem nenhum conhecimento científico. «Sua educação já vem defasada desde o primeiro grau. Não podemos esculpir em madeira podre», argumentou.

Qualidade

Tentando selecionar melhor seus alunos — enquanto seu diretor acalenta a ideia de substituir os vestibulares por um trabalho educacional integrado — a DAE mudou os critérios no último vestibular. O resultado, na opinião de



Lúcia defende a qualidade

Lauro Morhy, desmascarou e colocou a nú o ensino brasileiro, mas ao mesmo tempo, teve o mérito de levantar a questão educacional. «Não exigimos demais dos candidatos como foi veiculado em alguns órgãos de imprensa, apenas extinguímos a pré-opção múltipla — que dava chance ao candidato de escolher mais dois cursos além do de sua preferência e transformou a Universidade em «cursinhos de luxo». Além disso, passamos a exigir um mínimo de 24 pontos num total de 120, que equivale, numa escala de 0 a 10, a exigir a nota 2. Assim, deixamos de adotar o sistema classificatório, quando bastava ter vaga para o candidato ingressar na Universidade, e adotamos o sistema de seleção», explicou o diretor da DAE.

A solução para o ensino brasileiro, segundo Lauro Morhy, é a reformulação profunda no sistema. Neste ponto, todos também concordam. O difícil será definir as mudanças. Afinal, o que é um ensino de qualidade? Todos os entrevistados foram unânimes em dizer que esta pergunta só será respondida pela sociedade brasileira. E, enquanto ela for uma mera expectadora do debate e das decisões, o País e os jovens sofrerão as consequências.